

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CLUBES, ESTÁDIOS E TORCIDAS
A elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional

DELENE DE SOUZA GASTAL

Porto Alegre, novembro de 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DELENE DE SOUZA GASTAL

CLUBES, ESTÁDIOS E TORCIDAS
A elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional

Trabalho de Conclusão apresentado à Graduação em
História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para obtenção de graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre, novembro de 2009.

RESUMO

O futebol, iniciado no Brasil como um esporte praticado por jovens da elite de forma amadora, excluindo as classes menos privilegiadas, começou a modificar-se a partir da apropriação do mesmo pelo governo para difundir o nacionalismo na década de 30 e à sua profissionalização. O esporte e os estádios começam a popularizar-se e, a partir de 1950, inicia-se a construção de grandes estádios no Brasil, entre os quais, situa-se o Beira-Rio, estádio do Sport Club Internacional. O clube fundado em 1909 iniciou como popular, no sentido de aceitar os brasileiros de uma forma geral, desde que seguissem o padrão social exigido. A partir do momento em que o clube passou a recrutar jogadores negros, tornou-se o “clube do povo”, como é conhecido até hoje. Atualmente, as regras impostas pelas transformações do futebol no mundo, estão levando à uma reelitização do esporte no Brasil, as quais refletem-se no Sport Club Internacional. O objetivo deste trabalho é analisar como essas transformações estão ocorrendo.

Palavras-chave: futebol; reelitização, Brasil, Internacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁDIO.....	10
1.1 Do futebol amador ao futebol profissional no Brasil.....	11
1.2 Do amadorismo à massificação dos estádios no Brasil.....	16
2. O SPORT CLUB INTERNACIONAL DA CHÁCARA DOS EUCALIPTOS AO BEIRA-RIO.....	19
3. A REELITIZAÇÃO DO FUTEBOL, PROCESSO INICIADO NO VELHO MUNDO.....	30
3.1 A reelitização do futebol chega ao Brasil.....	35
3.2 A reelitização do futebol chega ao Sport Club Internacional.....	38
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

A origem do futebol, tanto em nível nacional como internacional, é um assunto que sempre gera discussões.

Apesar de existir um consenso de que a Inglaterra (primeiro país a organizar o futebol na forma que conhecemos hoje) é o berço do esporte, existem relatos de esportes similares, por exemplo, o *folk football* e suas variantes, que já eram encontrados desde a Idade Média e, também, na América Central onde tribos já praticavam jogos de bola em 1500 a.C.

No Brasil o mesmo acontece, pois oficialmente o esporte estaria completando, em 2009, seu centésimo nono aniversário, no entanto, segundo Richard Giulianotti o esporte “chegou com os marinheiros ingleses em 1864.”¹

O objetivo nessa introdução não é discutir a origem exata do esporte, mas ressaltar a importância que ele adquiriu ao longo dos anos. O futebol, atualmente, deixou de ser apenas um esporte para se tornar uma tradição, como define Hobsbawm:

*“O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar em um período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica real realizada no natal na Grã-Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso; como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. É óbvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram”.*²

Dessa forma, o futebol já está incorporado na nossa sociedade, segundo Christopher Tomas:

¹ GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 24.

² HOBBSAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 09.

“tanto a FIFA (a associação que administra o futebol) quanto o Comitê Olímpico Internacional possuem mais nações integrantes do que a ONU (205, 202 e 192, respectivamente). Isto significa que quase todos os territórios organizados politicamente possuem um estádio onde se realizam competições locais, nacionais e internacionais. Assim, poderíamos dizer que quase todos os territórios organizados politicamente jogam futebol profissionalmente.”³

Analisando esses dados, a importância do futebol no mundo inteiro se torna um assunto de relevância e um ótimo objeto de pesquisa para, por exemplo, historiadores e cientistas sociais. No entanto, se fizermos uma análise a partir das produções intelectuais de historiadores e cientistas sociais sobre o esporte no Brasil, a conclusão seria outra. O Brasil, conhecido por nós brasileiros como o “país do futebol”, conta com poucos trabalhos, nas áreas já citadas, que possuem como objeto de pesquisa o futebol. Sendo assim, a idéia de trabalhar com futebol, veio da paixão por esse esporte e pela constatação da falta de trabalhos acadêmicos na área de ciências humanas sobre ele.

A proposta de investigar o futebol já existia, no entanto, o projeto só veio a se firmar depois, pois apesar do grande desejo de abordar esse tema em uma futura pesquisa, faltava uma problemática específica, pois o futebol por si só é muito abrangente sendo necessário delimitar o tema, e formular um problema que fosse, na medida do possível, “inovador”.

A intenção de trabalhar com o processo de reelitização do futebol nacional surgiu a partir da observação de certas mudanças que estavam acontecendo no futebol brasileiro, como por exemplo, o constante aumento dos preços dos ingressos, a restrição de venda de bebidas alcoólicas nos nossos estádios de futebol, a constante dominação do esporte por cartolas e empresários e o controle dos campeonatos por alguns canais de televisão que compram os direitos exclusivos dos jogos tendo, dessa forma, o direito de opinar sobre os horários e dias nos quais essas partidas devem ocorrer. No entanto, como essas mudanças fazem parte de um amplo contexto e levariam muito tempo para todas serem

³ GAFFNEY, Christopher. *Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. USA: University of Texas Press, 2003, p. 03, tradução Arthur Lima de Avila.

analisadas; ainda mais em um país como o Brasil, tão grande e com tantas diferenças culturais, o tema precisou ser adaptado para a realidade de uma estudante de graduação.

Trabalhar com esse processo de reelitização do futebol brasileiro, no âmbito do país inteiro, seria impossível no período de tempo disponível e da necessidade de deslocamento para pesquisas de campo e busca de fontes.

O Brasil é um país com aproximadamente 195.000.000 habitantes distribuídos em 8.514.876 km²⁴, e com muitas diferenças culturais, o que faz com que esse processo tenha características diferentes nas diversas regiões e nos diferentes clubes de futebol aqui existentes. Além disso, são muitos os clubes que praticam futebol, se formos contar todos que participam do Campeonato Brasileiro organizado pela CBF, entre as quatro divisões (A, B, C e D). Neste ano de 2009 são 93 equipes⁵.

Para tornar a pesquisa factível e consolidada em um trabalho de conclusão de graduação, foi definido como objeto de pesquisa somente um clube, sendo esse clube da cidade de Porto Alegre, devido ao fato de eu residir neste município.

Porto Alegre possui dois grandes clubes que estão na série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, então optei pelo clube de minha preferência, com o qual possuo mais identificação, o que facilitará o meu trabalho.

No entanto, apesar da minha opção clubística ter pesado na minha escolha, acredito que o Sport Club Internacional, devido à sua história, proporciona que traçamos uma linha dividida entre um início como um clube de elite, passando por um processo de popularização, até chegar no nosso objeto de pesquisa: a reelitização do futebol brasileiro. O motivo por qual afirmo isso, veremos mais a frente, quando analisarmos melhor alguns aspectos da história do clube.

⁴ Informações retiradas do site do IBGE: www.ibge.gov.br

⁵ Informações retiradas do site da Confederação Brasileira de Futebol: www.cbf.com.br

Quando falamos em reelitização do futebol brasileiro, estamos falando em um processo que estamos enfrentando atualmente, ou seja, no presente, mas, como devemos definir o presente? Segundo Marc Bloch, tomar o presente ao pé da letra seria impossível:

“Na linguagem corrente “presente” quer dizer passado recente. Aceitemos [portanto] de agora em diante, sem hesitações, esse emprego um pouco frouxo da palavra. Não que isso levante, por sua vez, sérias dificuldades. À noção de proximidade não apenas falta precisão – de quantos anos se trata? – como ela também nos coloca em presença do mais efêmero dos atributos. Embora o momento atual, no sentido estrito do termo, não seja senão uma perpétua evanescência, a fronteira entre o presente e o passado não se desloca por isso num movimento menos constante.”⁶

Portanto, trabalharemos com o presente, mas sem nos esquecermos do passado, pois para compreendermos esse processo que acontece atualmente precisamos voltar para o passado, para entendermos como chegamos até aqui.

No caso do nosso objeto de pesquisa - o Internacional e seus estádios dentro desse contexto de reelitização do futebol brasileiro - precisaremos retornar para o início da história do clube, para entendermos como ele passou de um clube da elite da cidade de Porto Alegre para um clube considerado das classes populares da cidade. Assim, nosso estudo abrangeria desde os primeiros anos de fundação do clube, 1909, até o presente ano de 2009, totalizando 100 anos. No entanto, nos focaremos nos pontos chaves para entendermos as transformações que os estádios do Internacional tiveram ao longo desse período.

O objetivo deste trabalho é uma investigação sobre as modificações que estão ocorrendo no futebol brasileiro e que fariam parte de um processo de reelitização do futebol que teria se iniciado na Europa entre as décadas de 80 e 90. Porém, como são muitas transformações que fazem parte desse processo como um todo, optamos por trabalhar apenas com as que estão se dando nos espaços que acolhem esse esporte, ou seja, nos estádios de futebol e as conseqüências das mesmas para o público que costuma. Escolhemos trabalhar com o estádio, pois, é a

⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 60-61.

representação da grandeza e da importância do futebol para a nossa cultura. Os jogadores mudam, as direções mudam, os torcedores mudam, mas os estádios continuam lá. Segundo Christopher Thomas:

“O rugido da multidão pode causar arrepios em nossas nuças ou nos fazer correr na direção oposta. Como sugere Eduardo Galeano, mesmo quando um estádio está vazio, ele transparece poder, história e significado. Importante tanto para os moradores locais como para os turistas, é preciso somente pensar no Coliseu de Roma para entender a estampa duradoura dos estádios nas áreas urbanas.”⁷

Sendo um trabalho sobre o processo de reelitização do futebol brasileiro a partir do Sport Club Internacional, utilizamos para a pesquisa, primeiramente, fontes secundárias que discutissem o futebol no Brasil e mundo, abordando a história do esporte e, principalmente, livros que falassem especificamente de campos de futebol. Os autores utilizados como base para essa parte do trabalho foram: Mascarenhas, Giulianotti, Franco Júnior e Gaffney. Em segundo lugar, utilizamos materiais específicos do Sport Club Internacional, por exemplo, fontes primárias ligadas à história do clube e, em alguns casos, quando não haviam essas, utilizamos fontes secundárias sobre a história da equipe gaúcha.

Para estudarmos as transformações que estão ocorrendo nos estádios de futebol é necessário definir a importância dos mesmos e como surgiram no Brasil e, por último, como se tornaram espaços populares durante a década de 30 no nosso país.

⁷ GAFFNEY, obra citada, p. 02.

Capítulo 1. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁDIO

Segundo Gaffney, “a palavra “estádio” vem do grego *stadion*, postes de madeira que marcavam os pontos iniciais e finais das corridas helênicas”⁸. Os gregos, para o autor, eventualmente estenderam o termo para incluir toda a estrutura arquitetônica que cercava a pista de corrida.

Gaffney diz que esses espaços também eram utilizados como locais para a celebração de festivais religiosos através de jogos e competições atléticas. Geralmente localizados nas áreas rurais, cada sítio religioso possuía uma origem mítica. O estádio era destinado, assim como templos e santuários, a restabelecer conexões com o divino.

Atualmente, os estádios são espaços culturais, que recebem desde jogos até shows, mas pode se considerar que não perderam sua origem mística. Alguns autores costumam fazer relações dos estádios de futebol com templos míticos:

“O espaço ritual futebolístico é o estádio, “santuário do mundo industrial”, na expressão do historiador inglês John Bale, local onde uma religiosidade arcaica é expressa de acordo com o imaginário atual. Na Europa medieval, a maior construção de qualquer cidade era a igreja, que geralmente comportava a totalidade, ou quase, da população local. Raramente alcançando tais proporções devido a uma densidade demográfica muito maior, o mundo contemporâneo construiu santuários futebolísticos majestosos. Quando o Maracanã foi inaugurado, em 1950, podia receber 10% da população carioca. Quando a pequena ilha mediterrânea de Malta construiu, em 1953, seu estádio, ele podia acolher quase 12% de seus habitantes. Quando o Beira-Rio foi aberto, em

⁸ GAFFNEY, obra citada, p. 04.

1969, a capacidade dele somada à do já existente estádio Olímpico, de 1954, permitia receber quase 11% da população de Porto Alegre.”⁹

Os estádios de futebol como vimos no parágrafo acima do autor Hilário Franco Júnior, são grandes marcos das nossas cidades, grandes pontos turísticos. Qualquer pessoa que sobrevoe a cidade de Porto Alegre irá notar a presença de dois grandes estádios, o Beira-Rio e o Olímpico.

No entanto, os estádios não são importantes apenas pelo seu tamanho, mas, também, pelo significado que possuem. Com certeza, um estádio vazio de uma equipe que é desconhecida para nós, não vai passar apenas de uma grande construção arquitetônica. Por outro lado, se simpatizamos com essa equipe, ou se o time do nosso coração já jogou nesse estádio, o local irá ganhar outra importância. Como Hopcraft explicou no final da década de 1960:

“os campos de futebol nem sempre são locais atrativos no sentido ornamental. Sua beleza é o tipo de ambiente especial, apreciado somente pelas pessoas que relacionam o cenário a seus vínculos emocionais”¹⁰.

Dessa forma, Giulianotti continua:

“o campo enquanto local evoca memórias e estimula expectativas. Suas características idiossincráticas são particularmente idealizadas: a inclinação do terreno, as carroviárias vizinhas, a cor dos tijolos, a loucura arquitetônica de uma arquibancada. Cada uma significa o status especial do campo relativo a outros estágios. Conseqüentemente, considera-se que os campos de futebol possuem seu próprio caráter sociogeográfico, representativo da comunidade dos torcedores. No entanto, os torcedores de futebol da era moderna pertencem a “uma comunidade imaginária” dos que torcem pelo mesmo clube.”¹¹

Seguindo essa lógica, pode se afirmar que o Estádio Internacional de Yokohama no Japão possui uma importância emocional bem maior para os

⁹ FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 271.

¹⁰ Apud GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol...* São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p.97.

¹¹ Idem, p. 97.

torcedores do Sport Club Internacional de Porto Alegre do que para a maioria dos moradores da cidade de Yokohama.¹²

1.1 DO FUTEBOL AMADOR AO FUTEBOL PROFISSIONAL NO BRASIL

Como falamos acima, atualmente os estádios são espaços reservados para práticas de esportes e programações culturais, mas neste trabalho, iremos nos centrar nos estádios como estabelecimentos para a prática exclusiva do futebol. Por isso precisamos, antes de entrarmos na história dos primeiros estádios no Brasil, compreender como o futebol chegou ao nosso país.

Oficialmente o futebol teria sido introduzido no Brasil por um jovem paulistano chamado Charles William Miller. Filho de um engenheiro escocês, ainda menino foi mandado para estudar na Inglaterra de onde voltou em 1894 trazendo diversos artefatos para a prática do *football*. Charles Miller teria sido o responsável pela organização da primeira partida oficial de *football* do país em 14 de abril de 1895.

No entanto, segundo Hilário Franco Júnior:

“uma certa visão oficial – felizmente já combatida – privilegiou as elites como protagonistas da história brasileira e apegou-se à ficção da concessão de direitos promovida pelos setores dominantes. A emancipação política teria sido obra da coragem rebelde do jovem D. Pedro I, a abolição da escravidão expressão da bondade da princesa Isabel, a proclamação da República Marechal Deodoro.”¹³

Para o autor, a história do futebol brasileiro não teria fugido de tal preceito, pois entre 1880 e 1890, bem antes de Charles Miller retornar da Inglaterra, jesuítas haviam introduzido jogos com o *baloon anglais*. Segundo Hilário Franco Júnior, no Colégio São Luis, de Itu, jovens da elite disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado “bate bolão”, que a partir de 1894 já incorporava alguns elementos do futebol moderno: onze jogadores para

¹² Estádio no qual o clube ganhou o Mundial Interclubes em 2006, maior título do clube.

¹³ FRANCO JR., obra citada, p. 61

cada lado, traves de madeira e times uniformizados. O autor complementa sua teoria, colocando que existem notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga, *o football*.

Dessa forma, ao contrário do que está escrito nas fontes oficiais da época, o futebol surgiu no Brasil antes de 1894, mas não se pode ignorar a participação de Charles Miller na difusão do esporte entre as elites oligárquicas brasileiras. Dessa forma, como define Hilário Franco Júnior:

“Havia, então, dupla concepção do futebol. De uma parte, estava a perspectiva pedagógica européia, presente no Brasil pelo menos desde o parecer de Rui Barbosa sobre a Reforma do Ensino Primário em 1882. Harmonia dos músculos, higienização dos corpos, etiqueta, coordenação dos movimentos e controle da violência seriam elementos a contribuir para o fortalecimento moral e solidário dos futuros dirigentes do país. Em 1905, Monteiro Lobato louvava as “qualidades educativas” do futebol, que contribuía “imensamente para a superioridade das nações anglo-saxônicas”. Em 1915, o escritor Afrânio Peixoto celebrava o futebol por que nele “vencer significa disciplina, cooperação, solidariedade eficaz”. Na mesma linha, alguns anos depois o jornal carioca Correio da Manhã creditava importante lição ao futebol, por ele ser “na maior parte das vezes a antítese da lógica” (1/12/1919). De outra parte, estava a realidade nacional de corpos adestrados no trabalho braçal e habituados aos folguedos das danças populares e a toda sorte de improvisações da arte da malandragem, vinculadas a precárias condições de vida. Íntimos dos gestos acrobáticos da temida capoeira ou das ações coletivas do ruidoso movimento operário, os corpos de negros, de imigrantes e da arraia-miúda branca possuíam outros saberes, expressões e habilidades que viriam a ser determinantes na sua maneira de jogar futebol.”¹⁴

Determinar quem foi o precursor do futebol no Brasil seria uma tarefa bastante complicada. Como define Mascarenhas:

“(…) não podemos localizar um único ponto no território a partir do qual o futebol, enquanto inovação, tenha se introduzido e se difundido espacialmente, embora reconhecamos a primazia paulistana no processo de adoção. Verifica-se portanto um caso no qual o futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos

¹⁴ FRANCO JR., obra citada, p.64

desconectados entre si (mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão.”¹⁵

Sendo assim, não podemos excluir nenhuma das vias de acesso do futebol no Brasil.

Primeiramente, temos a teoria mais conhecida que é a da introdução do futebol no nosso país por Charles Miller. Em segundo lugar, não podemos excluir a importância das congregações católicas que difundiram o esporte através de seus estabelecimentos de ensino. Em terceiro lugar, como defende Mascarenhas, a importância das relações comerciais com a Inglaterra:

“A presença constante de suas embarcações, associada à implantação concomitante de ferrovias e diversos outros equipamentos em nosso território (exportação de capitais britânicos destinados ao setor de mercado interno) viabilizou relativo contato com diversas práticas sócio-culturais inglesas, dentre elas o futebol, conforme atestam inúmeros registros na historiografia.”¹⁶

Em último lugar, vale destacar que o Brasil naquele período não possuía muitas instituições de ensino superior. A maioria dos jovens, com melhores condições financeiras, acabava indo estudar nas universidades da Europa e, depois de um período convivendo com a cultura do “Velho Mundo”, voltavam trazendo aspectos dessa cultura, por exemplo, o futebol.

Apesar de não podermos estabelecer uma única via difusora do futebol no Brasil, podemos definir uma característica nessa sua primeira fase de introdução, fase na qual o esporte ainda era amador, essa característica é o elitismo:

“Considerando que o elitismo é uma marca do nascimento do futebol no Brasil, negros e mulatos eram excluídos dessa “nobre prática esportiva”, sendo essa um privilégio dos membros da elite nacional. Assim, pode-se sugerir que o

¹⁵ MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. A Febre do Futebol: Gênese e Difusão Planetária de uma inovação. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma Geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Geografia), 2001, p. 45-46

¹⁶ MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 46

*futebol teve no seu início um caráter segregacionista em nossa sociedade”.*¹⁷

Dessa forma, nesse período, o futebol ainda era um esporte praticado, na maioria, por jovens da elite, de forma amadora. Por ser um esporte aristocrático, acabava por excluir as classes operárias, os negros e os mulatos, entre outras segregações de menos importância da sociedade da época. Essa realidade começou a se modificar com a profissionalização do futebol brasileiro a partir da década de 30. Um dos marcos desse novo período, é a industrialização no país, como define Goussinsky:

*“Vimos anteriormente que até por volta de 1920 o futebol ainda era um esporte elitista, prática reservada aos aristocratas brasileiros. A maioria dos futebolistas o praticava por puro lazer e diversão, sem depender dele para sobreviver. No entanto, com o processo de industrialização e a conseqüente popularização deste esporte, o futebol começou a ganhar novos contornos. O crescimento do público que acompanhava as partidas de futebol, a profissionalização do futebol em outros países e a inserção nos clubes de jogadores oriundos das classes operárias contribuíram para o advento do modelo profissional no futebol brasileiro. É nesse momento em que o futebol, no Brasil, iniciava sua trajetória para tornar-se um “esporte das multidões”*¹⁸

A fundação em 1904 do Bangu Athletic Club por ingleses funcionários da Companhia Progresso Industrial Ltda, uma fábrica de tecidos localizada no Bairro Bangu no Rio de Janeiro, teve importante participação nesse processo, pois foi o primeiro clube a contar com a participação de operários no seu elenco, com o intuito de completar as vagas excedentes.

Politicamente, segundo Hilário Franco Júnior:

“A remoção da oligarquia paulista do centro do poder caracterizou-se, a partir de 1930, pela emergência do Estado como principal agente da sociedade brasileira. Modernização tornou-se a palavra de ordem, embutida nas perspectivas de industrialização do país e de consolidação da unidade nacional. De forma semelhante

¹⁷ RODRIGUES, Francisco Xavier Freire Rodrigues. *O Fim do Passe e a Modernização Conservadora no Futebol Brasileiro* (2001-2006). Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2007, p. 113

¹⁸ Apud RODRIGUES, obra citada, p.116

ao que ocorria no campo social, onde nenhum segmento mostrava-se capaz de exercer hegemonia, no futebol também se viviam tempos de transição. Defensores do amadorismo e do profissionalismo disputavam a prerrogativa de organizar o futebol brasileiro, mas sem que ambos conseguissem superar as rivalidades regionais. Por outro lado, percebia-se a necessidade de acompanhar as modificações das regras que se processavam na Europa, bem como as correspondentes mudanças táticas. Paralelamente, o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade.”¹⁹

Neste contexto de apropriação do futebol pelos governantes, como forma de fortalecer o nacionalismo no país, o esporte popularizou-se no Brasil deixando de ser um esporte da aristocracia para se difundir entre as camadas populares. Outro importante instrumento do governo para essa difusão do futebol foi a imprensa, como define Hilário Franco Júnior:

“Mas foi a partir do início dos anos 1930, com as coberturas jornalísticas de Mário Filho na imprensa escrita e as locuções pelo rádio, que as massas passaram a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios. Mario Filho, em meio à crise entre amadores e profissionais no Rio de Janeiro, contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões ao promover concursos entre torcedores e estimular sua carnavalização, que desembocaria na elaboração de bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados. Grande defensor do profissionalismo, o jornalista foi o responsável pela nacionalização da nomenclatura de vários clubes de futebol.”²⁰

A seguir iremos analisar o processo de profissionalização do futebol no Brasil, quando este deixa as camadas altas da sociedade para ser introduzido também entre os mais pobres.

1.2 DO AMADORISMO À MASSIFICAÇÃO DOS ESTÁDIOS NO BRASIL

¹⁹ FRANCO JR., obra citada, p. 77-78

²⁰ Idem, p. 78.

As primeiras equipes de futebol do Brasil, ainda pertencentes majoritariamente à elite, contavam com jogadores que não possuíam o futebol como atividade exclusiva. Eram clubes destinados à prática do esporte por jovens da aristocracia que jogavam futebol por prazer e, em sua maioria, possuíam outras atividades esportivas.

Em grande parte, esses locais para a prática do futebol seguiam três diferentes vias. A primeira delas eram as associações atléticas vinculadas a estabelecimentos de ensino, pois a maioria desses jovens eram estudantes. Em segundo lugar, os clubes fundados independentemente (Ponte Preta, 1900, Botafogo, 1904). Em terceiro, o futebol era introduzido em clubes, já existentes, dedicados a outras modalidades esportivas (Náutico, 1909 e Flamengo, 1911).

Sendo assim, conforme Hilário Franco Júnior:

“colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava se fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do conseqüente afastamento dos demais setores sociais. Tais agentes detinham tanto os instrumentos necessários (e dispendiosos) para a prática do futebol – bolas, chuteiras, uniformes, campos gramados – quanto os saberes, regras, técnicas e terminologia inglesa.”²¹

Nesse contexto, o futebol, nessa época, era praticado, como define Christopher Gaffney:

“Os geógrafos John Bale e Martyn Browden propuseram modelos diferentes e interseccionados que descrevem as trajetórias arquitetônicas e funcionais dos estádios desde o final do século XIX. Estes modelos sugerem que, tendo começado como espaços abertos e primitivos, os estádios mudaram para refletir a crescente organização e sanitização da vida urbana. Ainda que os estádios tenham sempre condicionado o movimento humano através da arquitetura, a tendência foi de um menor a um maior controle, de um público

²¹ FRANCO JR, obra citada, p. 62.

amplo a um mais limitado e de menos a mais racionalidade econômica e racionalidade arquitetônica.”²²

O futebol era praticado em espaços abertos, sem grandes divisórias entre o público e os jogadores. Como explica Gaffney, “os estádios do final do século XIX permitiam uma maior liberdade de movimento e não necessariamente criavam limites claros entre espectadores e jogadores”. Levando em conta, o contexto de exportação de hábitos europeus pela aristocracia brasileira do início do século XIX, podemos determinar que essa realidade dos estádios europeus do fim do século XIX, exposta por Gaffney, foi a mesma utilizada pelas primeiras equipes de futebol do início do século XIX no Brasil.

A partir da década de 1930, com a massificação do futebol, contando com a apropriação deste pelo governo para difundir o nacionalismo, os estádios vão sofrer novas transformações:

“A expansão demográfica e espacial das cidades latino-americanas nas primeiras décadas do século XX foi igualada pela expansão de esportes institucionais e a infraestrutura correspondente. Na medida em que estádios e culturas esportivas se expandiam para incluir um perfil socioeconômico mais amplo através de toda a América Latina, os estádios assumiram muitas das características integradoras tradicionalmente associadas com as praças. Eles permitiam uma liberdade de acesso e associação que juntava todos os setores em um espaço compartilhado. Ao mesmo tempo, eles começaram a perder seus perfis estrangeiros e a se tornar expressões orgânicas das culturas urbanas locais, usando técnicas de construção, materiais e projetos autóctones. Estádios foram gradualmente integrados ao tecido urbano, e ajudaram a moldar a forma, a textura e a cultura das cidades latino-americanas.”²³

Nesse momento, o futebol já é um esporte profissional e popular no Brasil e os estádios estão em um processo de popularização que tem como grande marco o Maracanã, maior estádio do mundo na época de sua construção durante o governo populista de Getúlio Vargas, em 1950, com o objetivo de sediar a Copa

²² GAFFNEY, obra citada, p. 10-11.

²³ GAFFNEY, obra citada, p. 31.

do Mundo de Futebol, naquele ano, no Brasil. Nesse mesmo contexto, outros grandes estádios foram construídos no Brasil nessa época:

“Concomitante com as tecnologias inovadoras que permitiram às cidades latino-americanas construir edifícios públicos monumentais com concreto reforçado, os anos 1940 e 1950 foram um período de construção de estádios sem paralelos na América Latina. Se não foram necessariamente imaginados como monumentos, muitos dos estádios financiados pelo Estado eram de dimensões imensas, criando espaços públicos cavernosos que eram mais produtos de ideologias políticas do que de um projeto urbano funcional. Concebidos e construídos em um momento “modernista”, faltava a esses estádios a intimidade, o caráter nuance arquitetônica dos estádios construídos nas primeiras décadas do século XX. Tão frenética foi a construção de estádios que já em 1970 o Brasil possuía oito dos dez maiores estádios do mundo.”²⁴

Entre esses estádios estava o Beira-Rio, do Sport Club Internacional, inaugurado em 1969. No próximo capítulo, iremos analisar as transformações dos estádios do Internacional, a partir da contextualização feita neste capítulo.

²⁴ Idem, p. 31.

Capítulo 2. O SPORT CLUB INTERNACIONAL DA CHÁCARA DOS EUCALIPTOS AO BEIRA-RIO

A partir da contextualização que fizemos no capítulo anterior em relação às transformações que os estádios de futebol sofreram entre o período de surgimento do esporte no Brasil até sua popularização, iremos contextualizar o Sport Club Internacional neste processo. Para isso, faremos uma análise dos estádios do clube até o período de massificação do futebol no Brasil, sendo necessário primeiramente compreendermos um pouco da história do clube.

O Sport Club Internacional foi fundado no dia 04 de abril de 1909, na cidade de Porto Alegre. A idéia de fundar o clube teria sido de três irmãos vindos de São Paulo, no ano de 1908, Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe. Os três teriam jogado futebol em um clube do estado de São Paulo, chamado Internacional, daí a idéia de fundar um clube para a prática do futebol e de colocar este nome na equipe.

Existem diversas questões em aberto em relação à história do Colorado (como é chamado carinhosamente por seus torcedores), pois muitas documentações foram perdidas ao longo dos seus 100 anos de história, incluindo a Ata de Fundação do Clube. Por isso, não existe um consenso em relação aos motivos que teriam levados os Poppe a fundar o Sport Club Internacional, nem quantas pessoas teriam assinado a Ata da reunião do dia 04 de abril de 1909.

Devido ao fato de existir mais de uma teoria em relação a esses primeiros anos da equipe, somos obrigadas a optar por uma. No nosso ponto de vista, o Internacional teria sido criado a partir da realidade futebolística encontrada pelos irmãos Poppe ao chegar em Porto Alegre. Na época, existiam na cidade apenas duas equipes para a prática do futebol: o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Club de Porto Alegre, ambos de origem germânica. Essas duas equipes por serem quase, exclusivamente para descendentes germânicos teriam suscitado,

conforme, Damo "ressentimentos entre os grupos menos cotados socialmente"²⁵.

Dessa forma, segundo Mascarenhas:

“a mais significativa de todas foi a fundação do Sport Club Internacional, em 1909, pois não se trata de apenas mais um clube porto-alegrense. Quando visualizamos a história do futebol nas cidades brasileiras, notamos que as primeiras agremiações são geralmente formadas por grupos sociais de clara identificação e relativamente "fechados" no âmbito das estratificadas sociedades locais; e que paulatinamente vão surgindo outros clubes, vinculados a outros grupos sociais que tendem a alimentar as rivalidades internas ao lugar. No caso de Porto Alegre, entretanto, estas identidades clubísticas se delinearam no nascedouro e logo estabeleceram definitivamente a oposição direta entre os dois clubes principais. Trata-se de uma rivalidade premeditada, distinta do modelo habitual, aquele que forja progressivamente a dupla rival, em processo inclusive sujeito a alterações substanciais na composição e no conteúdo simbólico da rivalidade.”²⁶

Sendo assim, o Sport Club Internacional, teria surgido nesse contexto de ser um clube para brasileiros:

“Trabalhava na época na casa comercial de Luís Marone, como aprendiz. O Antônio Coiro trabalhava comigo e foi lá que os irmãos Poppe apareceram com a idéia de formarmos um quadro de futebol. Seria um clube exclusivamente para Brasileiros.”²⁷

No entanto, devemos tomar cuidado para uma questão: atualmente, o clube é conhecido, no Estado do Rio Grande do Sul, como o “clube do povo”, devido a aspectos de sua história, por exemplo, ao fato de ter aceitado massivamente a presença de negros, antes de seu principal rival, como podemos ver no trecho a seguir:

“O desejo de abrir-se para brasileiros e estrangeiros, indistintamente, combina melhor com um clube que se

²⁵ Apud MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p.194.

²⁶ MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 194.

²⁷ Assim Nasceu o Inter. *Grandes Clubes Brasileiros: Internacional*, São Paulo, Editora nº 05, 1971 Conforme afirmou GUAZZELLI (em depoimento pessoal prestado no dia 14 de novembro de 2009), também era aberto a oriundos de todas nacionalidades daí o nome Internacional.

declarava vocacionado para conviver com a pluralidade étnica e cultural que ia assumindo a cidade de Porto Alegre.”²⁸

No entanto, ao contrário do que muitos acreditam, o Sport Club Internacional não teria surgido com essa conotação de um time popular, um time que aceitava todas as camadas populares e todas as culturas desde a sua fundação, essa teria sido uma característica que o clube teria adquirido ao longo dos anos:

“Vimos que desde seus primeiros anos de existência o duelo Gre-Nal incorpora simbolicamente a oposição entre as duas facções da elite regional: a industrial alemã e a latifundiária luso-brasileira da Campanha, a esta adicionando-se em certa medida setores descontentes da classe média urbana porto-alegrense. Tal situação parece se estender aproximadamente até 1930. Na condição de membro da liga principal de uma cidade de tecido social profundamente hierarquizado, e dotada de uma mancha urbana fragmentada em "arraiais", o SC Internacional mantivera-se, até então, como um clube fechado às camadas populares. Conforme sinaliza Arlei Damo (1998), o fato de possuir patrimônio material bem inferior ao do adversário, se localizar em bairro humilde, apresentar um histórico de passagem por terrenos alagadiços e alugados, e não possuir entre seus associados as figuras ilustres que adornavam o pavilhão social do estádio da Baixada, não significa supor que fosse um clube propriamente popular, como soem afirmar os que desconhecem sua história. Quando campeão gaúcho em 1927, por exemplo, é ainda o time completamente composto por atletas brancos (Dienstmann, 1987:35). Àquela altura o clube já admitia eventualmente jogadores negros, desde que bem referenciados e posicionados socialmente, amiúde universitários e funcionários públicos. Os negros pobres praticavam o futebol varzeano e possuíam liga exclusiva²⁹, conforme vimos no item anterior.”³⁰

Como vimos nesse parágrafo, o Internacional, primeiramente, era um time da elite de Porto Alegre, segundo depoimento do ex-jogador Osvaldo Rola (o popular “Foguinho”):

“aponta a existência de três importantes ligas no futebol porto-alegrense em torno de 1920: a principal, vulgarmente denominada Liga do Sabonete, composta por elementos da elite que entravam em campo impecavelmente trajados; a liga

²⁸ OSTERMANN, Ruy Carlos. *Meu Coração é Vermelho*. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1999, p. 24.

²⁹ A liga exclusiva de negros pobres chamava-se Liga da Canela Preta.

³⁰ MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 201-202.

intermediária, ou liga do sabão, formada por elementos da “classe média baixa”: pequenos comerciantes e clubes de etnias minoritárias como o Concórdia, de poloneses; por fim, a liga das canelas pretas. O Internacional obviamente protagonizava com o Grêmio a elegante “liga do sabonete”.³¹

Então, quando o Sport Club Internacional teria se tornado o clube do povo? Segundo Arlei Damo:

“(…) eram os próprios gremistas que tratavam o rival como “clube do povo”, em tom de zombaria e desprezo, sem que o Internacional tivesse tal atributo ou mesmo o desejasse. Pois este somente vai admitir e orgulhar-se de ser um “clube do povo”, e de certa forma sê-lo, a partir do final dos anos 1930.”³²

Dessa forma, até a década de 1930, o Internacional não era um clube popular, no sentido de aceitar todas as classes sociais e todas as culturas étnicas. Ele poderia ser considerado popular por, diferentemente do seu maior rival, o Grêmio, aceitar os brasileiros de uma forma geral, desde que, seguissem o padrão social exigido pelo clube.

A partir dessa pequena contextualização sobre a história do Colorado, podemos iniciar a análise dos seus estádios obedecendo as divisões já estabelecidas no capítulo anterior.

Logo após a sua fundação, o Sport Club Internacional não possuía seu próprio campo para treinamentos. Segundo Lopes:

“(…) a área para ser construído o campo passou a ser fornecida pelo presidente honorário (Graciliano F. Ortiz), na Rua Arlindo, bairro Menino Deus e ali surgiu o seu primeiro campo, para a prática de football, inaugurado no dia 25 de abril de 1909, numa tarde de domingo, e isto graciosamente, inclusive trabalhos de adaptação”³³.

³¹ Idem, apud GUIMARAENS 1985, p.16.

³² Apud, MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 203.

³³ SANTOS, Carlos Lopes dos. *Na Sombra dos Eucaliptos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1975, p. 04.*

Conforme vemos em reportagem do Jornal Correio do Povo de 30 de abril de 1909:

“Domingo último, à tarde, o Sport Club Internacional inaugurou os seus training-matches no ground sítio à rua Arlindo, arrabalde do Menino Deus. Durante o torneio, que se conservou sempre animado, serviram como captains os hábeis footballers: Juvenalino Cezar e José Poppe. A sessão que o Sport Club devia efetuar naquele dia ficou transferida para o domingo próximo, à uma hora da tarde. Nessa ocasião serão discutidos e aprovados os estatutos da novel sociedade que, dia a dia, progride consideravelmente. Segundo nos consta, logo que o Sport Club Internacional esteja com as suas equipas disciplinadas desafiará conhecida sociedade de football.”³⁴

Nesse período no qual o futebol ainda era amador no Brasil, podemos analisar conforme Lopes coloca, que “a formação da diretoria, nesses primeiros anos do clube, era quase que exclusivamente por jogadores de football e acadêmicos das faculdades locais, demonstrando o amadorismo ainda fortemente presente no clube.”³⁵

Outra demonstração do seu amadorismo é exposta por Lopes quando o autor coloca que, em 1912, “devido às dificuldades de acesso e inundações, o campo da Rua Arlindo foi abandonado, sendo os jogos do clube transferidos para um campo alugado em um terreno na Várzea”³⁶ (atualmente o Hospital Pronto Socorro de Porto Alegre). Nesse período, “a situação do club não poderia ser mais precária, pois apesar de já alcançar três anos de existência, ainda nada possuía de patrimônio, podendo ser extinto a qualquer momento”.³⁷

A partir da eleição de nova diretoria em Março de 1912, as coisas começaram a se modificar para o Sport Club Internacional. Neste mesmo ano, seu novo presidente, Julio Seeling, juntamente com o novo tesoureiro da equipe, Ariosto Agrifoglio, locaram um novo campo para os jogos e treinos do

³⁴ apud SANTOS, obra citada, p. 03

³⁵ SANTOS, obra citada, p. 22.

³⁶ SANTOS, obra citada, p. 23.

³⁷ Idem, p. 23.

Internacional, a Chácara dos Eucaliptos, na rua da Azenha (nome da rua na época). Esse foi um grande marco para a vida do clube, pois a partir da inauguração desse novo campo que era cercado com parapeitos e com arquibancadas, a equipe deixava de ser uma equipe de várzea, a céu aberto. Desse momento em diante, o Internacional, começa a caminhar para a sua afirmação como um dos grandes clubes de futebol de Porto Alegre, e mais à frente, do Brasil. Inicia o processo de profissionalização que vai ter como seu marco a construção do Estádio dos Eucaliptos em 1931, conforme poderemos observar na próximas páginas..

Em 1929, o Sport Club Internacional enfrentava, novamente, um período de crise e sua existência era colocada em risco. Segundo Lopes:

“Este foi um momento crucial. As dívidas do club se encontravam acumuladas e não havia crédito. O campo, na Chácara dos Eucaliptos, havia sido vendido e havia prazo para desocupá-lo. Qualquer vacilação poderia resultar na própria extinção do club. Até ai, em seus 30 anos de existência, o club não havia se preocupado em formar um patrimônio com a compra de uma sede própria. Tudo estava a exigir uma decisão heróica. Não tendo sido possível a aquisição de uma parte da Chácara dos Eucaliptos, foi preciso procurar uma área para comprar, cujo preço pudesse suportar uma operação de crédito. Surgiram terrenos em muitas partes mas – isto é importante - houve uma preocupação unânime em conservar as origens do club e todas as preferências eram para o bairro do Menino Deus, cuja população havia sido até então o sustentáculo do próprio club. Quiseram os bons fados que, ali na rua Silveiro, quase na esquina da avenida José de Alencar, houvesse um terreno que atendia ao que se procurava. Era proprietário da área o Banco Nacional do Comércio que, através de sua subsidiária, a Companhia Territorial, iria proceder ao seu loteamento. Tratou-se de firmar um contrato ajustando a compra de uma área suficiente pelo preço de 220 contos, na época importância bastante elevada. Foram acertados os prazos de pagamento e a operação pode ser concretizada.”³⁸

O Internacional encaminhava-se para a construção do seu novo estádio, o seu próprio estádio. Em junho de 1931, o Sport Club Internacional inaugurava o Estádio dos Eucaliptos com capacidade para, aproximadamente, 30 mil pessoas.

³⁸ SANTOS, obra citada, p. 61.

Para a época foi um grande e moderno estádio, tanto é que em 1950, durante a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, dois dos jogos foram disputados nos Eucaliptos³⁹. O Estádio também teve uma grande importância para a popularização do Sport Club Internacional, como explica Coimbra e Noronha:

*“Em 1931, ao inaugurar seu novo estádio (o “Estádio dos Eucaliptos”), o Internacional dava um passo importante na afirmação de sua popularidade, por duas razões básicas: localizava-se no subúrbio Menino Deus, enquanto seu rival mantinha-se em zona nobre (bairro Moinhos de Vento), tendo como vizinho imediato o elegante hipódromo da cidade; e seu novo estádio tinha capacidade de público superior ao da Baixada, embora este se mantivesse como mais sofisticado e confortável, dotado de iluminação artificial e outros recursos propiciados pela maior disponibilidade financeira da agremiação rival. Importa registrar que a própria construção do Estádio dos Eucaliptos revela a perspectiva (ou a realidade) de ser o Internacional o clube de maior popularidade na cidade. Já em 1935, um Gre-Nal decisivo realizado no estádio lotado da Baixada registrou que 2/3 dos presentes, ainda que em “território inimigo”, eram torcedores do Internacional. Evidenciava-se no “clube nativo” o pleno potencial de tornar-se um “clube do povo””.*⁴⁰

Dentro dessa realidade das décadas de 30 e 40, de profissionalização do futebol no país e da sua massificação, além da construção do Estádio dos Eucaliptos, outros aspectos foram importantes para esse processo no caso do Internacional. Como cita Coimbra e Noronha:

“Bem menos atrelado a valores elitistas que seu rival, coube ao Internacional, mais precisamente a partir de 1939, a iniciativa de recrutar maciçamente jogadores negros e pobres para reforçar sua equipe. O resultado óbvio é um verdadeiro “massacre” em seu adversário, ao conquistar ao longo da década seguinte nove dos dez campeonatos citadinos disputados. Deixando de ser o relativamente seletivo “clube dos estudantes” e atenuando outras possíveis vinculações nativistas, o Internacional passou a seguir o princípio de que a identidade mais valiosa é a de “clube vencedor” (Damo, 1998). Ao adotar jogadores negros e pobres, o clube rapidamente se tornou nos anos 1940 o “clube do povo” de Porto Alegre. Outros símbolos vinham endossar esta nova imagem: o famoso rei momo Vicente Rao tornou-se líder da torcida, animando as arquibancadas em tom carnavalesco; um animal desprovido de qualquer nobreza como a cabrita, se tornou “mascote” do

³⁹ Os dois jogos disputados no Estádio dos Eucaliptos, durante a Copa do Mundo de 1950, foram: Iugoslávia 4 x 1 México e Suíça 2 x 1 México.

⁴⁰ Apud MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 203.

*time, acompanhando-o em todos os jogos, entrando em campo e tornando-se popularmente conhecido com o nome de "Chica".*⁴¹

O Sport Club Internacional, nesse período, finalmente assumia a característica que o segue até hoje, de ser o “clube do povo” do Rio Grande do Sul. Nesse momento, o “Inter” descobriu como poderia ser positivo para as suas campanhas começar a recrutar os jogadores da, já citada, liga da canela preta. Tão positivo, que nesse período, o Internacional teve uma das maiores equipes da sua história, o Rolo Compressor.⁴²

No Estádio dos Eucaliptos, muitas vitórias o Sport Club Internacional conquistou porém, a partir da década de 50, o futebol brasileiro, como já vimos, inaugurava uma nova fase. Dentro daquele processo já iniciado, na década de 30, de massificação do futebol no país e incentivado por um governo populista, como já tivemos a oportunidade de observar no capítulo anterior, iniciam-se os grandes estádios. Esse novo modelo de espaço para a prática do futebol priorizava a maior capacidade, tendo como grande precursor, no nosso país, o Maracanã, maior estádio do mundo na época de sua construção, feito especialmente para a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. No entanto, o grande marco para que o Sport Club Internacional começasse a sentir a necessidade de um novo espaço para os seus jogos foi a construção, em 1954, do Estádio Olímpico pelo Grêmio. Ver o grande rival inaugurar o Olímpico incomodou muito os colorados:

“Certo ou errado, a verdade é que, não fora a sexagenária rivalidade entre gremistas e colorados, não haveria essa pujança do futebol gaúcho, retratada, hoje, de corpo inteiro, nos Estádios Olímpico e Beira-Rio.

Julgamos oportuno trazer tal assunto à baila, quando convidados pelos editôres dessa magnífica obra, para escrever algo, tendo em vista nossa qualidade de primeiros artífices, a ordem cronológica, da fascinante realidade que é o GIGANTE COLORADO.

Por que o nosso esforço titânico, removendo mil dificuldades, nos idos de 1956, para abandonarmos a parca realidade que

⁴¹ Apud MASCARENHAS DE JESUS, obra citada, p. 204.

⁴² “Na década de 40, o Internacional constituiu um dos melhores times gaúchos de todos os tempos. A sua qualidade e a sua vocação ofensiva eram tão grandes que foi apelidado de O Rolo Compressor”. O Rolo era um time extremamente ofensivo, que durou de 1940 até 1948, conquistando oito estaduais em nove anos.” (O Rolo Compressor. Revista do Inter, Porto Alegre, nº 38, abril 2009. Especial Centenário.

constituíam as obras da Rua Silveiro e nos atirarmos ao sonho das bóias cativas?

Confessamos lisamente que a nós, colorados, que então participávamos da direção do clube rubro, não nos agradava em nada ver o flamante Olímpico da Azenha, onde se agitavam as bandeiras de nossos adversários, êsses mesmos que, quando vinham aos Eucaliptos, entoavam em côro humilhante para todos nós: “chiqueiro, chiqueiro, chiqueiro”.⁴³

Observando as transformações dos estádios brasileiros da época e, principalmente, devido ao grande incentivo dado pela vontade de superar o rival é que o Internacional, em 1956, inicia os trabalhos para a construção do Estádio da Beira-Rio. No entanto, como veremos, essa não foi uma obra de fácil realização para o clube e, por isso, podemos dizer que temos na construção deste Estádio o ápice da popularização do Clube.

A idéia de construir um novo estádio, como foi citado acima, iniciou-se no ano de 1956, mas para a obra começar era necessário que o clube tivesse um terreno para esse fim, o que não existia. Segundo Ephraim Cabral,

“tínhamos a promessa dos podêres públicos de que seria desapropriada e doada ao Internacional uma quadra da Rua Barão do Cêrro Largo, o que nos permitiria “fechar” a volta das arquibancadas e concluir um estádio cuja capacidade máxima jamais passaria de cinqüenta mil pessoas”⁴⁴

Mas isso não bastava para os dirigentes do Sport Club Internacional, eles queriam mais. Assim, no ano de 1960, com o apoio do então Vereador de Porto Alegre, Ephraim Cabral, o Internacional conseguiu uma área junto ao Rio Guaíba para a construção de seu estádio. Mas como foi dito, essa não foi uma obra fácil: o terreno era em cima do rio e, por isso, necessitava que fosse aterrado. Muitos duvidavam que a obra pudesse sair:

*“E aí começaram as piadas: **Vou comprar uma bóia-cativa.** Diziam que o Inter passaria a dedicar-se ao water-pólo e ao*

⁴³ CABRAL, Ephraim Pinheiro. *Da Bóia Cativa ao Gigante da Beira-Rio. In: Sport Club Internacional e suas Glórias: Gigante da Beira-Rio*, Porto Alegre: Editora Meridional, nº01, 1969.)

⁴⁴ Idem, p. 05.

remo, abandonando o futebol. A palavra DUVIDO imperava.”⁴⁵

Assim, a comissão de construção do Beira-Rio teve que trabalhar duro para iniciar as obras. Os custos eram altos para a realidade do clube. Então surgiu a idéia de iniciar uma campanha de venda de títulos. No entanto, poucas foram as vendas, pois nem a torcida, inicialmente, acreditava na construção do novo estádio.

Então, em 1962, a pedra fundamental foi lançada, as construções iniciaram-se e os torcedores começaram a crer que era possível, “os 2 mil títulos vendidos em quase um ano, de repente chegaram a 40 mil em poucos meses de trabalho”. Assim, o Beira-Rio tornava-se um sonho possível, e, em 1964, as obras começavam de fato.

Em 1967, era criada a grande campanha símbolo, até hoje, da construção da nova área de jogos do Inter, a Campanha do Tijolo:

“Hoje, por ocasião de Inter x Farroupilha, nos Eucaliptos, será iniciada a grande campanha pró-tijolo, campanha esta organizada pelos ex-atletas do Internacional. Por sinal, em reunião efetivada segunda-feira última, ficou conhecida a diretoria da Comissão de ex-jogadores rubros que vão colaborar na elogiável campanha: Ei-la: presidente, Osmar Fortes Barcelos (Tesourinha); tesoureiro-geral, Alberto Zolim Filho (Carlitos); 1º tesoureiro, Everton Porciúncula; secretário-geral, Ocacir dos Santos Nino (Xim-Xim), relações públicas, Sadi da Costa e Silva (Didi). O conselho Fiscal está integrado por Milton Alves da Silva (Salvador), Alfeu C. Batista e Elizeu G. Oliveira.”⁴⁶

Essa campanha teve uma grande importância na construção do Beira-Rio, não tanto pela quantia de tijolos que arrecadou, mas pelo seu significado. Atualmente, sabemos que grande parte do estádio, não foi construído com os materiais doados pelos torcedores, mas o fato de terem participado de alguma

⁴⁵ Beira-Rio: o milagre de um clube do povo. Grandes Clubes Brasileiros: Internacional, São Paulo, nº05, 1971.

⁴⁶ Correio do Povo, 1969 apud Sport Club Internacional e suas Glórias: Gigante da Beira-Rio. Porto Alegre: Editora Meridional, nº 1, 1969, p. 18.

forma para que essa grande obra se tornasse realidade, fez com que se sentissem parte disso. Dessa forma, surgiu a idéia de que o Beira-Rio havia sido construído pelas mãos do “povo”, idéia que persiste até hoje e que teve grande peso na popularização do clube.

Em abril de 1969, o Beira-Rio estava pronto. Sua inauguração foi no dia 06 de abril de 1969.

Na sua inauguração possuía capacidade para 110 mil pessoas, estando entre os dez maiores estádios de futebol do mundo na época. Desses lugares, 10 mil eram na coréia. A coréia era um espaço popular, nessa área os ingressos eram bem mais baratos, e a visão de um jogo era muito pior, em relação ao resto dos setores. Esse passo também foi um grande aspecto para a popularização do Sport Club Internacional, pois, diferentemente do seu rival, os torcedores mais pobres tinham um lugar garantido no Beira-Rio.

Capítulo 3. A REELITIZAÇÃO DO FUTEBOL, PROCESSO INICIADO NO VELHO MUNDO

Assim como o futebol surgiu e organizou-se, primeiramente, na Inglaterra o processo de reelitização do futebol também teve seu início lá, para, depois, difundir-se pela Europa até chegar na América Latina. Então, primeiramente, iremos analisar as transformações que levaram os estádios europeus a um processo de reelitização para, depois, compararmos com as transformações que estão ocorrendo no Brasil, mais precisamente, no Estádio do Sport Club Internacional.

Os campos de futebol construídos, na Grã-Bretanha, antes da Primeira Guerra Mundial:

“tendiam a ser construídos perto dos terminais de transporte, principalmente das estações ferroviárias, permitindo aos torcedores chegar e sair com facilidade (apud Inglis, 1987, p. 12). Os construídos perto das principais indústrias estimulavam o crescimento de um grande número de torcedores locais (apud Fishwick, 1989, p.54). O projeto arquitetônico dos campos tradicionais era extraordinariamente clássico.”⁴⁷

Sendo assim, esses primeiros campos ingleses, seguiam um padrão. Giulianotti prossegue definindo os estádios tradicionais ingleses:

“As classes foram o centro da etnologia social dos campos de futebol tradicionais. Os diretores e o público de classe média apropriavam-se dos assentos mais caros da arquibancada coberta; o grande público da classe operária ficava em pé nas arquibancadas abertas.”⁴⁸

Esse modelo de estádio tradicional vigorou até o final da década de 1980, quando transformações começaram a ocorrer no cenário europeu de futebol:

“No final da década de 1980, um importante hiato cultural abriu-se entre o Reino Unido e as outras nações européias no que diz respeito ao desenvolvimento dos estádios. A Alemanha, Espanha, França e Itália melhoraram seus maiores campos de futebol para abrigar importantes torneios internacionais. O

⁴⁷ GIULIANOTTI, obra citada, p. 93.

⁴⁸ Idem, p. 94.

modernismo na arquitetura tendeu a enfatizar a utilização de fórmulas a enfraquecer a particularidade dos campos. Exigências funcionais dominaram o pensamento arquitetônico: segurança, conforto e controle do espectador; acesso aos estacionamentos; toaletes e quiosques com alimentos: ângulos de visão. Enquanto isso, os velhos campos do Reino Unido tornaram-se cada vez mais incapazes de satisfazer as mais básicas necessidades humanas.”⁴⁹

Nesse mesmo contexto de transformações dos estádios europeus, Gaffney, define:

“Nos anos 1990 e começo da década de 2000, após décadas de violência relacionada aos estádios, os estádios britânicos passaram por uma transformação radical. A maior mudança foi a eliminação de lugares em que o público ficava em pé, geralmente destinados aos fãs da classe operária. A ordem governamental para a emergência de estádios onde toda a audiência está sentada teve dois efeitos relacionados. Em primeiro lugar, porque os clubes, não os municípios, foram obrigados a arcar os custos destas renovações, os preços dos ingressos aumentaram consideravelmente. Isto causou o afastamento de muitos fãs das classes operária e baixa. Em segundo lugar, aqueles que podiam pagar pelos tíquetes foram confinados a assentos monitorados por circuitos internos de televisão e por uma crescente vigilância particular. Enquanto muitos reclamam da perda da atmosfera tradicional gerada pelos fãs mais pobres (na medida em que a audiência tornou-se mais velha, rica e sossegada), o futebol britânico floresceu na era pós-Taylor. O modelo de estádio all-seater foi adotado tanto pela FIFA como pela UEFA em 1995, exigindo que todas as partidas internacionais e continentais fossem jogadas sem torcedores em pé. A tendência a um maior controle da multidão, a partir de arranjos nas arquibancadas, está remodelando estádios por todo o mundo.”⁵⁰

Esse novo período, definido por Gaffney, como era pós-Taylor, ganhou esse nome, pois após desastres em campos de futebol na Inglaterra foram divulgados relatórios sobre a situação dos estágios da Grã-Bretanha. Entre esses relatórios, um teve destaque que foi o escrito por Taylor, como explica Giulianotti:

“O desastre teve mais impactos imediatos (principalmente) muito bem-vindos sobre a reforma do campo. Ao contrário de seus predecessores, o relatório de Taylor em 1990 sobre recomendou que deveriam ser feitas mudanças estruturais importantes para humanizar o “habitat hostil do futebol”

⁴⁹ Idem, p. 96.

⁵⁰ GAFFNEY, obra citada, p. 12.

*(Walvin, 1994, p. 197). Lorde Taylor observou que enquanto os campos modernos ofereciam instalações limpas e tranqüilas, os do Reino Unido estavam deteriorados e se um alçapão de mortos. Recomendou que os clubes da primeira e segunda divisão da Inglaterra e o escocês da primeira divisão convertessem seus estádios em campos com assentos para todos no início da temporada de 1994-1995, uma proposta mais tarde decretada pelo Parlamento.*⁵¹

Assim, iniciaram-se as transformações nos espaços ingleses para a prática de futebol profissional com o objetivo de torná-los espaços mais seguros e tranqüilos para a população britânica. Transformações que levaram os estádios da Grã-Bretanha ao que conhecemos hoje, espaços modernos e confortáveis para os seus expectadores. A necessidade de reformar os estádios gerou dificuldade para diversos clubes, pois a maioria deles não tinha condições financeiras de arcar com os gastos sozinhos, dessa forma, muitos clubes acabaram vendendo seus estádios para empresas ou acordaram com outros clubes em “compartilhar os campos”, segundo Giulianotti:

*“(…) tendeu a ser a opção menos preferida. Se o campo era realmente um símbolo do clube e de suas comunidades vizinhas, com a mudança, esse aspecto socioespiritual acabaria. Por exemplo, em 1985, o Charlton Athletic entrou em um acordo de compartilhar o clube do Crystal Palace, mas o movimento dos torcedores conseguiu sua volta ao Valley sete anos depois. A opção preferencial foi a de reconstruir o campo no mesmo lugar em que ele se localizava.”*⁵²

A partir dessas reformas, os estádios de futebol europeus entravam no período contemporâneo, no qual, surgiam novas políticas de acesso. Esse processo, na Europa, como estamos vendo, ocorreu na década de 90. Após período, surgiram novas políticas de acesso aos campos de futebol contemporâneos. Segundo Giulianotti, “no mundo contemporâneo do futebol, as mais importantes questões políticas de espaço dizem respeito ao acesso e ao

⁵¹ GIULIANOTTI, obra citada, p. 105.

⁵² Idem, p. 105-106.

controle dos espaços em que se realizam os jogos.”⁵³ Nessa direção, os estádios sofrem diversas modificações:

“Os maiores clubes, como o Manchester United, o Liverpool, o Everton, o Arsenal, o Tottenham e o Celtic, viram, na ocasião, sua capacidade limitada a cerca de 30 mil pessoas ou menos. Isso deu muita importância ao acesso aos eventos, principalmente no cenário da moda do futebol pós-1990 e seu apelo aos novos mercados. Os clubes passaram a considerar assentos como recursos escassos, aumentando o preço dos ingressos em temporadas e reduzindo a oportunidade de comprá-los na bilheteria”⁵⁴.

Essas transformações têm como conseqüências, por exemplo, a mudança do público que frequenta os campeonatos ingleses de futebol, “cada vez é menos provável que os maiores estádios recebam seu antigo público da classe operária para os principais jogos”⁵⁵. Para nós, isso pode soar como uma conseqüência prejudicial para os espetáculos, no entanto, para um dos principais *managers* inglês, Terry Venables:

“Sem desejar soar esnobe ou ser desleal à minha própria origem de classe operária, o aumento dos preços dos ingressos provavelmente exclui o tipo de pessoa que difamava o futebol inglês. Estou falando dos homens jovens, a maioria da classe operária, que aterrorizavam os campos de futebol, os trens ferroviários, as balsas que cruzam canais e as pequenas cidades em toda a Inglaterra e na Europa.”⁵⁶

Portanto, aquelas reformas que tinham o objetivo de tornar os estádios espaços mais seguros, acabaram por ganhar um viés elitista. Acabaram por ter como objetivo o afastamento das classes mais baixas dos campeonatos ingleses de futebol. No entanto, essa não foi uma atitude que partiu, somente, de grandes *managers* do futebol por toda a Europa, mas também dos grandes órgãos que dirigem esse esporte no Mundo. Por exemplo,

“A FIFA e a Uefa elevaram muito o preço dos ingressos para as finais da Copa do Mundo e para os Campeonatos Europeus, aumentando o aspecto ilusório desses torneios, permitindo aos patrocinadores (que recebem enorme quantidade de ingressos)

⁵³ Idem, p. 107.

⁵⁴ Idem, p.107.

⁵⁵ HORTON, 1997 apud Giulianotti, obra citada, p. 108.

⁵⁶ VENABLES, 1996 apud Giulianotti, obra citada, p. 108.

divulgarem algumas dessas preciosas mercadorias em campanhas publicitárias altamente competitivas. A “política” do novo ingresso possibilita aos executivos (seja no mercado negro ou legalmente) comprarem blocos de ingressos para venda individual, muitas vezes, acima do preço que pagaram. Essa multiplicação perversa do valor de troca do ingresso ridiculariza a retórica das autoridades do futebol sobre “jogo honesto”. Favorece o público rico, espectadores menos apaixonados em detrimento de torcedores devotos, arruína as próprias estratégias de segregação e anti-hooligans das autoridades, estimulando um mercado desregulado de transações de ingressos.”⁵⁷

Assim, reformas que tinham o objetivo de tornar os estádios seguros tornaram-se formas de grandes empresários enriquecerem com o futebol que atualmente é um dos negócios mais lucrativos no mundo inteiro. Ao mesmo tempo, essas reformas também tornaram-se uma boa desculpa para expulsar as classes baixas dos estádios com a justificativa de que elas são as responsáveis pela violência que ocorrem nesses locais, no entanto, qualquer um que conhece o básico sobre torcidas europeias sabe, por exemplo, que os *ultras* italianos são conhecidos no mundo inteiro por seu gosto refinado para roupas. Sendo assim, definir que grupos *hooligans* e *ultras* são compostos somente por jovens de classe baixa é preconceituoso. Então, poderíamos afirmar que a grande preocupação inicial com a segurança dos torcedores de futebol, acabou por se tornar uma arma para os grandes managers do “mundo da bola” enriquecer.

Com o aumento dos preços dos ingressos, o público que freqüentava os estádios de futebol europeus passa por uma grande transformação. Os jovens operários são substituídos por famílias e jovens das classes mais abastadas. No entanto, esse público ao mesmo tempo em que paga mais para acessar aos estádios, também exige mais qualidade e segurança. Dessa forma, para trazê-los a assistir aos jogos dos seus times foi necessário, primeiramente, provar que os estádios haviam se tornados locais seguros e confortáveis para os seus familiares. Nesse sentido, foram implementadas diversas transformações para fazer com que os campos de futebol chegassem à altura da exigência de seus novos freqüentadores. Uma dessas mudanças foi a instalação de câmaras de vigilância:

⁵⁷ GIULIANOTTI, obra citada, p. 108 -109.

“Nos estádios, a tecnologia de vigilância é avançadíssima. As câmaras de CCTV são ligadas a uma unidade central de controles equipada com inúmeros monitores. Dispositivos mais avançados são encaixados em globos de vidro fumê, tornando impossível saber para quem as lentes estão olhando. Antes as Eurocopa de 1996 na Inglaterra, os locais dos jogos foram equipados com “videofaxes”, que transferiram gravações de filmes de torcedores de futebol por meio de linhas de telecomunicação comuns. Teoricamente, receptores de dados nas delegacias de polícia estariam preparados para comparar torcedores filmados com os arquivos de pessoas já “classificadas” pelo serviço de inteligência da polícia (Bale, 1993 a, p. 127). Mais recentemente, Watford, um tranqüilo clube inglês da primeira divisão, recebeu um novo sistema de segurança que pode por si só comparar torcedores de futebol com os que se encontram nos arquivos policiais.”⁵⁸

Esse controle dos espectadores de futebol trouxe a paz necessária para que as famílias pudessem se sentir seguras para freqüentar esses espaços, no entanto, esses procedimentos não acabaram com as brigas entre as torcidas, apenas as levaram para longe dos estádios. Nesse mesmo sentido de tornar os campos lugares confortáveis para as classes mais abastadas, outras medidas foram tomadas pelas autoridades para manter o controle sobre estes locais:

“Há outros meios pelos quais as autoridades do futebol exercem um controle espacial pós-moderno sobre os torcedores. A transformação dos campos de futebol em grandes áreas de compras e lazer envolve a disponibilidade de lojas para a venda de mercadorias. Por isso, antes dos jogos ou no intervalo, o espectador não passeia mais apenas para observar o resto dos torcedores: em vez disso, ele ou ela torna-se um consumidor que sai para olhar vitrines, analisando os produtos do clube. No novo estádio Amsterdam Arena, do Ajax, esse processo chegou ao cúmulo de os torcedores terem de comprar mercadorias e refrescos dentro do complexo com uma moeda corrente especial, a única reconhecida como legal. Essa organização fiscal inevitavelmente aumenta os lucros dentro do campo; ao saírem, os espectadores podem manter um troco insólito como uma lembrança ou “para a próxima vez”, enquanto o clube detém a moeda corrente holandesa. Isso também intensifica as divisões psicoespaciais entre os privilegiados dentro do estádio e o maior número do lado de fora. Outro aspecto dessa pós-modernização envolve a “museuficação” dos campos. Museus especiais são construídos nos estádios para visita pelos torcedores, detalhando a história do clube, exibindo antigos troféus e medalhas e, talvez, propiciem também aos visitantes algumas experiências interativas. Futuramente, os

⁵⁸ GIULIANOTTI, obra citada, p. 111.

país poderão levar suas crianças para ver ou experimentar como “realmente” era uma arquibancada lotada em que todos ficavam em pé.”⁵⁹

Essas mudanças fazem parte de uma transformação na maneira de se enxergar o futebol, ou seja, os jogos passaram a ser considerados espetáculos, os estádios confortáveis arenas e, por último, os torcedores passaram a serem tratados como consumidores. Sendo assim, o futebol tornou-se um grande e lucrativo negócio que obedece as regras do sistema capitalista, vigente na grande parte do mundo. Sendo assim, o objetivo do futebol deixa de ser a difusão do esporte, a diversão da população. Seu objetivo é a maior arrecadação de lucros. Com isso, os estádios perdem a sua característica inicial, de serem locais representativos para seus torcedores, para se igualarem aos teatros e cinemas, como locais de divertimento para uma classe abastada.

3.1 A REELITIZAÇÃO DO FUTEBOL CHEGA AO BRASIL

Como vimos anteriormente, o processo de reelitização do futebol inicia-se na Europa durante as décadas de 80 e 90. No Brasil, esse processo começa no fim do século XX e início do século XXI, no entanto, nos dois últimos anos, com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, começou a ganhar mais força. Dessa forma, como em outros locais, no Brasil, a reelitização do futebol tem como pano de fundo o maior torneio de futebol do mundo, juntamente com a busca pela eficiência na segurança e conforto nos estádios. Sendo assim, podemos afirmar que o processo de reelitização do futebol brasileiro segue o exemplo das transformações ocorridas na Europa.

Primeiramente, iremos realizar uma breve análise da realidade brasileira em relação ao processo de reelitização do futebol, visto que esse é um processo que tem se difundido no país inteiro, para depois passarmos para o nosso objeto de estudo, o Sport Club Internacional.

⁵⁹ Idem, p. 113.

Vimos que, na Europa, depois de diversos incidentes nos campos de futebol, ocorreram infundáveis reformas que acabaram por transformar os estádios em locais mais confortáveis e seguros.

No Brasil, não foi diferente. No fim do século XX, e início do século XXI, ocorreram diversos incidentes nos campos brasileiros como, por exemplo, na final da Copa João Havelange, em 2000, o Estádio São Januário, do Vasco, estava lotado para a partida contra o São Caetano, quando a grade que separa a torcida do gramado cedeu e 175 pessoas se feriram. Medidas de segurança foram tomadas pelos órgãos responsáveis pelo esporte no Brasil. Podemos citar que, neste mesmo período, foram proibidos, pela CBF, setores nos quais os torcedores assistissem aos jogos em pé. Em 2008, mais precisamente em abril, a CBF proibiu a venda de bebidas alcoólicas com o objetivo de diminuir a violência dentro dos campos de futebol. Neste ano, visando a Copa do Mundo de 2014, outras medidas de segurança também estão sendo tomadas, segundo a reportagem de Elaine Cruz da Agência Brasil:

“Os torcedores de futebol mais violentos deverão ser punidos em breve com penas alternativas. O governo espera que o novo Estatuto do Torcedor se torne lei até outubro próximo. A previsão é do secretário de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça, Pedro Abramoway. As novas regras prevêm, por exemplo, uma pena alternativa para o torcedor violento, em que ele deverá prestar serviço comunitário, por até três anos. Sempre nos dias e horários em que seu time estiver jogando. “Essa é uma maneira de tirar do estádio as pessoas que estão brigando ou atrapalhando”, afirmou. Segundo ele, o Estatuto do Torcedor criado em 2003 sofreu alterações e já foi aprovado na Câmara dos Deputados e na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado. Falta ainda ser aprovado na Comissão de Constituição e Justiça e no plenário pelos senadores, seguindo depois para sanção presidencial.”⁶⁰

Nesta mesma reportagem, Maurício Murad, sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro diz que “é preciso aumentar, com ingressos promocionais, a ida de mulheres, famílias e de pessoas da terceira idade

⁶⁰ Disponível em: www.opovo.com.br, postada no dia 19 de julho de 2009 por Fernando Graziani. Acessado em 28 out. 2009.

e de crianças aos estádios porque esses grupos naturalmente neutralizam e isolam esses grupos violentos”.

Nota-se que, como a exemplo na Europa, no Brasil, também existe a idéia de uma transformação do público frequentador dos espetáculos futebolísticos, substituindo os jovens participantes de torcidas, por famílias interessadas no espetáculo. Transformações essas que caminham na direção de tornar o torcedor um consumidor e o futebol um espetáculo.

Sendo esse novo tipo de torcedor um consumidor, ele acabará exigindo mais conforto e segurança para levar suas famílias aos jogos. Segundo Toledo, está havendo, no nosso país, uma transformação no estilo dos torcedores:

“A partir dos anos 90, fruto de uma nova conjuntura reforçada pelo ethos de um terceiro momento na história da profissionalização do futebol, e inspirado nos administradores esportivos (profissionais orientados por uma lógica empresarial), incrementam-se ou mesmo impõem-se outros estilos e condutas aos torcedores. Esta nova postura, estimulada por muitos cronistas e pela imprensa esportiva em geral, parte da crença de que uma maior intervenção institucionalizante nas estruturas do futebol arrefecerá ou domesticará o interesse dos torcedores pelo futebol, ou alterando seus contornos mais passionais dentro e fora do campo, vistos muitas vezes como causadores da violência esportiva extracampo. É dentro desse processo material e simbólico de reinstitucionalização do profissionalismo ampliado no futebol que está sendo gestada essa nova modalidade de torcer, a de sócios-torcedores, que contempla os requisitos necessários à transição da condição genérica do torcedor, do comum aos organizadores para a de consumidor esportivo.”⁶¹

No entanto, para receber esses consumidores e sediar o maior torneio de futebol no Brasil, são necessárias outras mudanças, além das de segurança, já exigidas pelos órgãos responsáveis pelo futebol. Mudanças que tornem os estádios locais atrativos, assim como Shopping Centers, para esse novo público. Percebe-se a ocorrência de um outro fenômeno:

⁶¹ TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do Futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 66-67.

“Entretanto, o problema se torna mais complexo com a continuidade, a partir do diagnóstico e das soluções propostas para essa, digamos, modernização do espetáculo, do ‘jogo da bola’. Senão, vejamos: se por um lado há uma crescente pressão para que a organização do espetáculo, o local dos espetáculos e o espetáculo em si tenham uma qualidade que atraia consumidores, não apenas torcedores, não há como não se cobrar preços compatíveis a isso. Segundo o diretor do FPF (Federação Paulista de Futebol) há uma marcha inexorável rumo à mudança do perfil daqueles que ‘consomem’ o espetáculo futebol. Chama a atenção os termos que ora passam a ser utilizados para se falar do mundo do futebol e seus aficionados: consumidores, espetáculo, por exemplo. Eles, invariavelmente, utilizados em substituição a futebol, torcedores...”⁶²

Com o conseqüente aumento dos ingressos, as classes menos abastadas, que durante anos encheram os estádios de futebol no Brasil, são excluídas destes espaços e acabam acompanhando seus times apenas por rádios e televisores. Ocupando o espaço, chegam torcedores mais abastados que podem arcar com os novos preços dos ingressos.

Podemos afirmar que, assim como ocorreu na Europa, no Brasil o processo com o objetivo de tornar os campos de futebol local mais seguros, terminou por ganhar uma proposta elitista de expulsar as classes menos abastadas dos estádios de futebol com o objetivo de tornar esse esporte, que já é um dos maiores negócios no mundo inteiro, cada vez mais lucrativo para seus investidores.

Depois de analisarmos este processo de reelitização do futebol brasileiro de uma maneira geral, iremos passar para o exemplo específico do Sport Club Internacional, para assim concluirmos, como essas transformações ocorrem na prática.

3.2 A REELITIZAÇÃO DO FUTEBOL CHEGA AO SPORT CLUB INTERNACIONAL

⁶² CASTELLARI, Ademir. Idéias e Ações Fora do Lugar. Disponível em <http://www.forza-palestra.blogspot.com>>. Acesso em: 14 jun. 2009.

Utilizaremos como objeto para demonstrar essas transformações no Brasil, o caso do Sport Club Internacional (pelos motivos apresentados na Introdução), porém esse processo de reelitização não é um privilégio apenas deste clube. Este é um processo que ocorre na maior parte do país, sendo assim, poderíamos ter escolhido como objetos de estudo diversos outros clubes da série A do Campeonato Brasileira de Futebol. Também é necessário ressaltar que temos plena consciência que algumas das decisões tomadas pelo clube, que levam a reelitização do seu estádio, obedecem a ordens de órgãos superiores, por exemplo, a CBF e a FIFA.

Quando inaugurado, o Beira-Rio (estádio do Internacional) possuía (como já citamos aqui) capacidade para 110 mil pessoas. Atualmente, segundo informações divulgadas pelo clube, a capacidade é de 56 mil torcedores⁶³, ou seja, chegou a sua metade nos últimos quarenta anos.

A diminuição da capacidade do estádio ocorreu, principalmente, a partir do início do século XXI. Em 2004, por decisão da CBF, o setor popular do estádio (que possuía capacidade para 10 mil pessoas), a coréia, foi fechada devido às novas normas de segurança que proibiam setores nos quais os torcedores assistissem aos jogos em pé. Poucos anos depois, foram colocadas cadeiras em todo o setor da social e construídas suítes equipadas com ar-condicionado, internet, sofás, mesas e televisão. Todas essas transformações, entre outros fatores, ocasionaram nessa diminuição da capacidade do Beira-Rio.

Este ano, o clube foi selecionado para ser uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol em 2014 no Brasil, sendo assim, passará por diversas novas reformas com o objetivo de modernizar o estádio e colocá-lo no patamar de um dos melhores estádios europeus de futebol:

“O Internacional possui um projeto de remodelação do Complexo Beira-Rio denominado “Gigante para Sempre”. A partir desse projeto de modernização, aprovado pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o clube se adaptaria às mais recentes exigências e padrões internacionais do futebol,

⁶³ REVISTA DO INTER. Porto Alegre, n° 38, abril 2009. Especial Centenário, p. 40.

*pronto para sediar qualquer jogo nacional ou internacional, com um complexo esportivo sustentável. A casa do Clube do Povo continuará sendo motivo de orgulho para todos os colorados e para todo o Brasil, que passará a contar com um dos mais modernos e belos complexos esportivos do mundo. Com isso o Beira-Rio estará adequado para ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil.”*⁶⁴

Conforme divulgação neste mesmo exemplar da revista do clube, depois das reformas, o estádio contará com:

*“Estacionamento: para comodidade do torcedor que vai nos jogos, nos shows no Gigantinho, no Centro de Eventos, ou apenas usufruir das lojas e restaurantes do complexo. Um edifício com altura inferior a das copas das árvores existentes, causando o menor impacto possível na paisagem do parque. No outro lado do complexo haverá outro estacionamento embaixo de uma esplanada. Ambos terão entradas e saídas pelas avenidas Padre Cacique e Beira-Rio. Hotel: feito com investimento de capital privado, em parceria com uma rede hoteleira, que aproveitará a estrutura invejável que o complexo oferecerá, além de sua localização privilegiada. O Internacional também poderá usufruir deste hotel para fazer a concentração de seus jogos, assim como os times visitantes. Arquibancada: a arquibancada inferior será modificada e ampliada, eliminando a antiga coréia e o fosso, aproximando assim a torcida do campo e aumentando o calor e a beleza do espetáculo. Toda a volta do anel inferior receberá camarotes e suítes, obra esta já iniciada. Além disso, todos os lugares do estádio terão cadeiras e serão marcados. Cobertura: o Gigante receberá uma nova e moderna cobertura, construída em estrutura metálica, cobrindo todos os lugares do estádio, inclusive as rampas e os acessos aos portões. A nova estrutura, projetada em módulos, permitirá uma construção rápida em etapas. Com isso, não haverá necessidade de interdição do estádio. Museu: em parceria com a Reebok, o Internacional está construindo um novo museu nos mesmos padrões dos principais clubes do mundo.”*⁶⁵

A análise da descrição do projeto de reforma do Beira-Rio, identifica diversos aspectos que condizem com características pertencentes a nova concepção do futebol como espetáculo. Este texto reafirma a análise de Giulianotti, que vimos no capítulo anterior, na qual o autor define os estádios de futebol atuais como áreas de lazer.

⁶⁴ Idem, p. 50.

⁶⁵ Idem, p. 50-51.

Uma das prioridades do novo projeto do clube é tornar o Beira-Rio um local moderno e confortável para os seus espectadores, oferecendo diversos outros entretenimentos além do jogo em si, como por exemplo, um museu e um restaurante. Assim, aproximando o seu estádio a um grande complexo de lazer.

Outro fator a ressaltar são as transformações das arquibancadas, pois serão colocadas cadeiras em todo o estádio, o que acabará por prejudicar o espetáculo das torcidas do clube que assistem aos jogos em pé e utilizam instrumentos. Nota-se também que não se fala em setores populares, somente em novas suítes e camarotes.

Em um primeiro momento, pode parecer que todas essas transformações vêm para o bem-estar do torcedor do clube. No entanto, sabemos que a realidade é outra. Todas essas reformas terão um custo alto para os cofres do clube. Para arcar com estes encargos, o Sport Club Internacional venderá camarotes destinados aos torcedores mais abastados e, para atrair esses torcedores, terá que manter um padrão muito alto de conforto nos estádios, elevando os preços dos ingressos.

O ingresso dos jogos dos campeonatos brasileiros vem sofrendo um grande aumento. Analisando a tabela abaixo, onde constam os pecos do primeiro jogo em casa do Sport Club Internacional, nos campeonatos brasileiros de 2004 até 2009, cobrados para o setor da arquibancada inferior e popular (os mais baratos), podemos notar uma grande alta:

Ano	Jogo	Data	Valor do Ingresso Arquibancada Inferior	Valor do Ingresso para Popular
2004	Internacional X Palmeiras	25.04	20 reais	7 reais
2005	Internacional X Botafogo	24.04	10 reais	5 reais
2006	Internacional X Santa Cruz	23.04	15 reais	10 reais
2007	Internacional X Botafogo	13.05	25 reais	-----
2008	Internacional X Vasco da Gama	11.05	25 reais	-----
2009	Internacional X Palmeiras	16.05	40 reais	-----

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol

Ao observar a tabela e levando em conta que a maioria dos jogos do campeonato brasileiro, no Beira-Rio, possui um padrão nos valores dos ingressos, podemos perceber, primeiramente, que a partir de 2007, os ingressos populares foram extinguidos. Em segundo lugar, analisando os preços nas arquibancadas inferiores, constatamos que de 2004 para 2005 os preços praticados chegaram a diminuir, no entanto, a partir de 2006, começam a sofrer um aumento, sendo que de 2006 para 2007 e de 2008 para 2009 foram significativos, atingindo 66% e 60% respectivamente, quase dobrando de valor.

Podemos supor que toda essa situação esteja inserida no processo de modernização do estádio, com o objetivo de torná-lo um local mais atraente para os consumidores em potencial, afastando torcedores que não estejam encaixados neste padrão.

No entanto, não podemos esquecer que o Spot Club Internacional possui uma modalidade chamada de Sócio Torcedor, no qual o associado paga 20 reais por mês e tem 50% de desconto na compra de ingressos, entre outras vantagens, por exemplo, descontos em lojas e restaurantes conveniados. Assim, podemos dizer que esse aumento abusivo do preço da arquibancada inferior está relacionado a esse programa de associações. Oferecer vantagens para o torcedor ser sócio, traz benefícios para o clube que, assim, tem uma renda mensal fixa e, controle sobre quem são seus torcedores, podendo, nos casos de violências no estádio, contribuir para uma punição mais efetiva. Portanto, a associação dos torcedores torna-se mais uma forma de controle que a nova política de futebol está inserindo na realidade do esporte no Brasil.

CONCLUSÃO

Após todas as etapas do trabalho realizadas, concluímos que o futebol no Brasil, desde o seu início, seguiu os padrões europeus. Em relação ao processo de reelitização, podemos afirmar que, assim como nos outros períodos, mais uma vez a Europa se apresenta como nosso modelo. Tanto o Sport Club Internacional, como o futebol brasileiro em geral, está passando por um processo de reelitização, conforme definição já aplicado nos principais países da Europa e que teve seu início na Inglaterra, o país do futebol.

No entanto, depois de chegarmos a essa conclusão, começamos a pensar nas condições do Brasil de se adaptar com um modelo vindo do velho mundo. Poderia ser fácil simplesmente determinar que, assim como nos outros períodos, esse novo modelo de futebol irá ser absorvido sem problemas. Por outro lado, com propriedade, Castellari afirmou:

“Essas são idéias que vem hegemonizando o futebol atual, fruto de uma cópia mecânica – e sem relativizações, necessárias em meu entendimento – daquilo que ocorreu e ocorre – com o futebol nos países europeus, como por exemplo a Inglaterra. Fruto ainda de uma visão – subjacente – de que o torcedor é o ruído, aquele que deixa o ambiente poluído, feio, impróprio para a frequência e para o consumo dos ‘diferenciados’: os consumidores.

A relativização deve ser levada em conta por vários motivos. Um deles, é que por aqui os níveis de salário são muito menores de os de lá. Se lá, onde os níveis salariais são muito maiores, houve um processo de elitização e aqueles que sempre foram os freqüentadores das arquibancadas foram afastados dos estádios, e hoje são empurrados para as transmissões dos canais de TV’s pagas (que praticam preços muito inferiores aos praticados no Brasil), o que acontecerá por aqui?”⁶⁶

O próprio Castellari responde a questão no decorrer do artigo:

“Talvez sejamos impelidos (os torcedores) a outras formas de lazer; aquelas que ainda não são consideradas rentáveis, aquelas destinadas aos ‘menos aptos a viver e conviver socialmente’ e, nesse momento, aquelas que não requerem vultosas quantias para serem consumidas. A prática talvez ainda seja permitida, pois é dentre as classes menos abastadas

⁶⁶ CASTELLARI, Ademir. Idéias e Ações Fora do Lugar. Disponível em <http://www.forza-palestra.blogspot.com>>. Acesso em: 14 jun. 2009.

que está a mão-de-obra – ou pés-de-obra, no caso do futebol – que impulsiona o lucro; é ainda da prática cotidiana que se abastece o 'mercado' mundial do futebol com os 'artistas' da bola.

Outro fator que deve ser levando em consideração é a diferença entre um torcedor de futebol e um consumidor de espetáculos. Queira-se ou não, há uma profunda diferença entre uma partida de futebol, com a participação ativa dos aficionados durante o jogo em si, com seus rituais, cânticos etc. e um espetáculo de teatro, por exemplo, onde o espectador, como o próprio significado da palavra mostra, apenas observa ou vê qualquer ato.

.Tratar o torcedor apenas como um consumidor é um profundo equívoco. Ele é mais que isso, ele é parte do espetáculo. Aliás, o torcedor é aquele que lá está independente da qualidade do que lhe é oferecido, das condições do palco, das intempéries.

No caso do torcedor, o único fator impeditivo à sua presença é o financeiro. Já o consumidor, se há a necessidade de lhe oferecer determinadas condições para que ele consuma um determinado produto, deve-se concluir que não lhe sendo oferecido o produto com a qualidade desejada ele deixará de consumi-lo, ou seja, é um 'público' volúvel, que poderá trocar – e o fará – um jogo de futebol por uma peça de teatro, uma sessão de cinema ou um show de 'tecno brega'.”⁶⁷

Essa é apenas uma hipótese colocada por Castellari. É impossível afirmarmos qualquer coisa agora. A única certeza que temos é que o processo de reelitização, conforme os padrões europeus chegou ao Brasil e trará diversas mudanças para o nosso futebol.

⁶⁷ CASTELLARI, Ademir. Idéias e Ações Fora do Lugar. Disponível em <http://www.forza-palestra.blogspot.com>>. Acesso em: 14 jun. 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Kenny. *Inter: 90 anos de paixão*. Porto Alegre: Já Editores, 1999.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CABRAL, Cid Pinheiro e OSTERMANN, Ruy Carlos. *O admirável futebol brasileiro*. Porto Alegre: Ed. Gaúcha, 1974.
- CASTELLARI, Ademir. *Idéias e Ações Fora do Lugar*. www.forza-palestra.blogspot.com, acesso em: 14 de junho de 2009.
- DENARDIN, Pedro Ernesto e DIENSTMANN, Cláudio. *Um século de futebol no Brasil: do Sport Club Rio Grande ao Clube dos Treze*. Porto Alegre: Gráfica APLUB, 2000.
- DAMO, Arlei Sander. *Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 23, p. 87-117, 1999.
- DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Football Portoalegrense e seus torcedores*. (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- GAFFNEY, Christopher. *Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. USA: University of Texas Press, 2003, tradução Arthur Lima de Avila.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos futebol gaúcho: construção da "Província de Chuteiras"*. Anos 90, Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, n°11, p. 21-50, julho de 1999.
- FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma Geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Geografia), 2001.

OSTERMANN, Ruy Carlos. *Meu Coração é Vermelho*. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1999.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *O Fim do Passe e a Modernização Conservadora no Futebol Brasileiro (2001-2006)*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS (Dissertação de Mestrado em Sociologia), 2003.

SANTOS, Carlos Lopes dos. *Na Sombra dos Eucaliptos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1975

SANTOS, Carlos Lopes dos. *O Gigante da Beira-Rio*. Porto Alegre: La Salle, 1984.

TEMPASS, Martín César. *Os Malditos da Coréia: Um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira-Rio*. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão em Ciências Sociais), 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do Futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JORNAIS:

Folha da Tarde Esportiva, Porto Alegre, 06/04/1969.

REVISTAS

Grandes Clubes Brasileiros, nº5, 1971.

Placar, nº349, 12/1976.

Revista do Inter, nº 38, 04/2009.

Revista do Inter, nº 41, 07/2009.

Sport Club Internacional e suas Glórias, nº01, 1969.

Sport Club Internacional e suas Glórias, nº02, 1969.

Sport Club Internacional e suas Glórias, nº03, 1969.

Sport Club Internacional e suas Glórias, nº04, 1969.

LEIS E PROJETOS LEGISLATIVOS

Congresso Nacional. Lei nº 10.671. Brasília. 2003.

SITES:

www.cbf.com.br

www.conmebol.com

www.fifa.com

www.ibge.gov.br

www.internacional.com.br

www.opovo.com.br

